

Cidade esportiva / cidade das letras

Marcelino Rodrigues da Silva | UFMG

Resumo: Utilizando metaforicamente a noção de fronteira, o artigo faz um panorama das relações entre o mundo do futebol e a comunidade letrada na sociedade brasileira da primeira metade do século XX. Nesse panorama, o trabalho jornalístico e os livros de Mário Filho ganham especial atenção, servindo como ponto de partida para uma discussão sobre as fronteiras socioculturais, discursivas e disciplinares implicadas no estudo das interações e interfaces entre a literatura e a cultura.

Palavras-chave: Futebol, literatura, modernização.

1

Com o aumento do interesse pelas questões relativas ao espaço no pensamento contemporâneo, a noção de fronteira ganhou amplitude como conceito operatório que permite falar de diferentes tipos de relação, além daqueles que envolvem as linhas demarcatórias entre nações e outras entidades geográficas. Podemos falar, por exemplo, nas fronteiras físicas e simbólicas que assinalam as divisões no interior de um grupo ou nação, nas fronteiras tênues que dividem os discursos e seus espaços de circulação, nas fronteiras disciplinares e institucionais que atravessam o campo do saber, etc. Num certo sentido, pode-se dizer que existe uma zona de fronteira em que todos esses campos problemáticos se limitam, se tocam e se inter-relacionam, colocando outra vez sob interrogação as identidades e os territórios produzidos pelos atos de demarcação.

De certo modo, foi nessa zona fronteiriça, onde se travam algumas das relações de aproximação e conflito mais instigantes do debate contemporâneo, que desenvolvi toda a minha trajetória de pesquisador, realizada no domínio dos estudos literários e dedicada a um objeto “estrangeiro” a esse campo: o imaginário futebolístico brasileiro e os discursos – literários, jornalísticos, historiográficos, etc. – que o constroem. Para tentar formular, a partir da noção de fronteira, algumas das questões que foram importantes nessa trajetória, colocando em xeque as linhas divisórias e os territórios em que ela se realizou, proponho tratar, neste artigo, da fronteira entre a “cidade das letras” (lugar discursivo de onde parte esta enunciação) e a “cidade esportiva” (objeto de investigação deslocado no campo das letras).

A ideia de que exista uma fronteira entre as duas cidades – ou entre as duas configurações da cidade sugeridas pelos atributos “das letras” e “esportiva” – é, naturalmente, uma alusão ao clássico *A cidade das letras*, de Angel Rama (1985), e assume, como pressuposto metodológico, a utilização metafórica da noção de fronteira para fazer referência às divisões sociais e culturais que atravessam a vida urbana. Teríamos, então, duas práticas distintas – o exercício das letras e o esporte –, que podem ocupar e construir territórios socioculturais e discursivos diferentes, estabelecendo relações de vizinhança, troca e conflito.

No livro de Angel Rama, a questão central é o papel desempenhado pelos grupos sociais letrados no desenvolvimento das cidades latino-americanas e suas ligações com as diferentes configurações assumidas pelo poder político na história da região. Como uma das atividades reservadas a esses grupos, a literatura é colocada em foco do ponto de vista de suas relações com a cultura e a sociedade. Escritores, artistas, advogados, jornalistas, médicos e engenheiros (funções muitas vezes acumuladas pelas mesmas pessoas) teriam mantido, nesse contexto, uma prolongada cooperação com o poder político, recebendo privilégios e cumprindo funções de administração, comunicação, formulação e justificação ideológica de seus projetos e interesses.

Tais funções, no entanto, se modificaram ao longo do tempo, incorporando gradativamente demandas de diferentes estratos sociais, que se opuseram ao poder central e eventualmente deram ao exercício das letras uma dimensão crítica. Essa transformação se verifica, com mais intensidade, a partir do processo de modernização vivido pela região desde o último quarto do século XIX, que se conjugou a um acentuado crescimento urbano e correspondeu a uma ampliação dos círculos letrados, prolongando-se nas primeiras décadas do século XX pela educação dos setores médios da sociedade e pelo surgimento do mercado

cultural. Compartimentando a geografia da cidade em anéis organizados em torno do centro (zonas de controle e influência decrescente dos grupos letrados), Ramon nos permite retomar a metáfora espacial e falar do processo de modernização como um deslocamento sempre conflituoso da fronteira que separa a cidade letrada das margens urbanas e do mundo rural, com suas bases predominantemente orais e tradicionalistas.

Essa linha demarcatória, gradualmente expandida pelo processo de modernização, tem suscitado reflexões, particularmente nos trabalhos que colocam em foco a chamada “cultura popular” e as suas relações com outros domínios, como a arte, a economia e a política. O teórico jamaicano Stuart Hall, por exemplo, se aproxima do problema no ensaio “Notas sobre a desconstrução do ‘popular’”, analisando-o a partir de uma concepção da cultura como “uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas”.¹ Identificando o processo de modernização ao avanço do capitalismo, Hall observa que “o capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social (...) exigia um processo (...) de reeducação no sentido mais amplo”, sendo a tradição popular “um dos principais locais de resistência às maneiras pelas quais a ‘reforma’ do povo era buscada”.² Acentuando a importância das cidades, como palco conflituoso onde se davam essas relações, Jesús Martín-Barbero afirma, no livro *Dos meios às mediações*:

Incorporar culturalmente o popular é sempre perigoso para uma *intelligentsia* que nele vê uma permanente ameaça de confusão, com o apagamento das regras que delimitam as distâncias e as formas. Por isto, a “suja” indústria cultural e a perigosa vanguarda estética é que vão incorporar o ritmo negro à cultura da cidade, legitimando o popular-urbano como cultura: uma cultura nova “que procede por apropriações polimorfos”...³

1. HALL. Notas sobre a desconstrução do “popular”, p. 255.

2. HALL. Notas sobre a desconstrução do “popular”, p. 247-248.

3. MARTÍN-BARBERO. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia, p. 241-242.

2

Foi esse o contexto em que o futebol chegou e se desenvolveu nas grandes cidades brasileiras, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Trazido por estrangeiros que vinham trabalhar no país e estudantes que voltavam de temporadas na Europa, o esporte era, assim como as letras, um símbolo de sofisticação e civilidade, funcionando como traço de distinção que marcava uma posição socialmente destacada e, ao mesmo tempo, indicava uma atitude positiva diante do processo de modernização. Para controlar a participação nas atividades dos clubes, havia uma série de regras que serviam de obstáculo aos pobres, negros, analfabetos e pessoas que exerciam profissões de baixa qualificação. Ainda não existia, portanto, nenhuma distinção nítida entre a cidade esportiva e a cidade letrada, que ocupavam rigorosamente os mesmos territórios geográficos, culturais e discursivos, desempenhando papéis semelhantes na sociedade.

Essa identidade pode ser confirmada por um breve olhar sobre a imprensa da época, em que os assuntos esportivos rapidamente ganharam lugar de destaque e atraíram a atenção dos intelectuais, como demonstra cuidadosamente Leonardo Affonso de Miranda Pereira, no livro *Footballmania* (2000). Eram comuns, nos jornais e revistas de variedades, as matérias esportivas repletas de termos em inglês, em que se elogiava a elegância e a distinção da plateia que compareceu ao *ground*, a civilidade e a altivez dos *sportmen* que participaram do *match*, o frescor da *toilette* das senhoritas que vibraram com os *dribblings* e os *goals*, o *fair play* dos cavalheiros da platéia, etc. Na primeira década do século, a chegada da “febre esportiva” foi saudada por figuras importantes do mundo das letras, como Olavo Bilac, Arthur Azevedo e o barão do Rio Branco. Na década seguinte, o futebol teve entre seus entusiastas e beneméritos escritores como Afrânio Peixoto, Humberto de Campos e Coelho Neto – que foi torcedor, diretor e orador oficial do Fluminense, escreveu o primeiro hino do clube e fundou uma revista esportiva e literária intitulada *Athlética* em 1920.

Mas as relações entre os intelectuais e os esportes não eram completamente harmônicas, registrando antagonismos que se manifestavam também no interior de cada um desses campos. São bastante conhecidas, por exemplo, as opiniões de escritores como Graciliano Ramos, para quem o futebol era “roupa de empréstimo, que não nos serve”,⁴ posição que remete ao debate

4. RAMOS. Traços a esmo, p. 167.

sobre a dependência cultural e a construção da nacionalidade; e o marginalizado Lima Barreto, que se opunha violentamente ao esporte, seja por seu caráter elitista e discriminatório ou pelos conflitos que ele já começava a provocar, no final dos anos 1910 e início dos 1920. Lima Barreto, aliás, estabeleceu ruidosa polêmica jornalística com Coelho Neto, em 1919, e chegou a fundar, no mesmo ano, uma curiosa “Liga Contra o *Foot-ball*”, recebendo por isso inúmeras críticas dos que militavam a favor do esporte na imprensa.⁵

No futebol como nas letras, esses conflitos tinham a ver com um mesmo problema, abordado geralmente de modo dúbio tanto pelos intelectuais quanto pelos *sportmen*. Tratava-se de definir o escopo e os limites do projeto de modernização da cidade e da nação, pela reconfiguração das fronteiras que demarcavam os territórios a serem atingidos pelo esforço de transformação da sociedade. Diante dessa questão, literatura e esporte viviam o mesmo dilema, hesitando entre uma adesão entusiasta ao ideário moderno, que supunha a disseminação de suas práticas e valores, e a reprodução de antigos mecanismos de estratificação e segregação social no campo da cultura.

No discurso dos intelectuais e jornalistas daquela época, percebe-se claramente a ambiguidade entre a defesa do futebol como instrumento de disseminação de práticas e valores urbanos e civilizados e o caráter de distinção social que estava associado a esporte. Na inauguração da “luxuosa piscina” do Fluminense em 1919, por exemplo, Coelho Neto colocou mais uma vez sua pena a serviço do esporte, exaltando suas propriedades educativas e sua contribuição para o desenvolvimento da nação: “O atleta, assim como se reforça, submete o espírito ao regime (...) e o entusiasmo com que se bate pelo pavilhão de seu clube sublima-se, mais tarde, no culto da bandeira.” Poucos anos depois, em 1922, o escritor deixa escapar, numa crônica, sua aversão pelo “vozerio de marmanjões, em matula sórdida, e livre de linguagem, que improvisam nas ruas partidas de *foot-ball*”.⁶ No ano anterior, Carlos Sussekind de Mendonça, editor do jornal *A Época*, havia publicado o livro *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, onde se lê o seguinte:

5. PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*, p. 204-229.

6. Citado por PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*, p. 216, 228.

Uma de duas: – ou o Sport se contenta de ser, apenas, um grande benefício de alguns, sem extensão nenhuma à coletividade nacional, – ou – se insiste no desejo de se fazer extensivo a essa coletividade toda, terá de arcar com todas as conseqüências que possam resultar da ampliação corrompedora.⁷

Com o processo de popularização do futebol, que se torna evidente já na década de 1910, essa coincidência entre a cidade esportiva e a cidade letrada foi, progressivamente, deixando de existir. A adesão de torcedores e atletas provindos das classes populares provocou transformações importantes nas formas de jogar e fruir o esporte, que foram contaminadas pelos modos de comunicação e sociabilidade desses novos personagens e pelos conflitos decorrentes da diversidade social e cultural. A centralidade do *fair play* e da distinção social, como valores que regulavam e disciplinavam a vida esportiva, foi gradualmente substituída pelo desejo desenfreado da vitória, pela cegueira da paixão clubística e pela irreverência popular, degenerando em deslealdades e brigas dentro de campo, insultos e vaías nas torcidas e até mesmo parcialidade e polêmica na imprensa. A emergência do povo, enfim, provocou um deslocamento do mundo esportivo, fazendo com que seus limites não mais coincidissem com as fronteiras do mundo letrado. No movimento complexo e irregular da modernização, os contornos da cidade esportiva extrapolaram os limites da cidade das letras, embaralhando antigas demarcações e hierarquias.

Apesar dos eventuais deslizos de alguns cronistas envolvidos naquele clima de transformação, a reação inicial da imprensa foi a adoção de uma posição conservadora, em defesa do ambiente refinado que dominou o futebol nos primeiros anos e enfaticamente contra a intromissão daquele componente estrangeiro que contaminava o mundo esportivo. Nas páginas dos jornais cariocas da década de 1910, é possível colher inúmeros exemplos dessa postura, incluindo críticas à “cera” e ao individualismo dos jogadores dos clubes suburbanos; solicitações para colocação de obstáculos à visão dos torcedores que se apinhavam nos morros e árvores próximas aos campos; pedidos de interferência policial e exclusão de

7. Citado por PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*, p. 224.

clubes e uma infinidade de outras iniciativas, em que se evidenciava a defesa das fronteiras materiais e simbólicas que separavam a vida esportiva das elites.⁸

A despeito dessa resistência, o futebol continuou se tornando cada vez mais popular, criando em torno de si uma espécie de zona fronteira, em que se interpenetravam a cidade das letras e a periferia iletrada. Nos campos, nos clubes, nas arquibancadas e, mais tarde, nos jornais e revistas, o universo do futebol era o lugar onde se davam os encontros, as aproximações, os conflitos, as trocas e as negociações entre os cada vez menos sofisticados *sportmen*, os atletas e os clubes de origens mais humildes e as multidões de populares que invadiam os estádios.

É bastante curiosa, a esse respeito, uma pequena nota publicada pelo jornal *A Noite*, após a conquista do Campeonato Sul-Americano de 1919 pelo Brasil, com um gol do mulato Friedenreich sobre o Uruguai. Na nota, aparece a foto recortada da perna do jogador, abaixo da qual um pequeno texto enaltece “o pé que (...) deu o mais célebre e o mais glorioso pontapé de quantos registram a história dos pontapés”, concluindo que, como os grandes músicos e bailarinos, o craque deveria fazer um seguro do “seu precioso pé”.⁹ Filho de um comerciante alemão e uma lavadeira brasileira, o jogador do Paulistano era aceito no universo elitista do futebol, mas não recebia muita atenção dos jornais e revistas, que o criticavam por seu estilo de jogo individualista e preferiam personagens como o goleiro Marcos de Mendonça, do Fluminense, com seus traços europeus e sua postura aristocrática. Por isso, essa precoce invasão das páginas da imprensa esportiva pelo fragmento mutilado do corpo Friedenreich pode ser vista como a violação de uma fronteira, com a violência e a ambiguidade frequentemente associadas a esse ato, prefigurando uma nova paisagem que não tardaria a se configurar.

3

Essas transformações no mundo esportivo tinham, evidentemente, estreitas ligações com um movimento mais amplo, que se realizava em diferentes setores da sociedade brasileira. O processo de urbanização tornou necessária a assimilação dos novos contingentes sociais que afluíam às cidades, aglutinando-se

8. Cf. SILVA. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno* de Mário Filho, p. 53-70.

9. Citado por SILVA. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno* de Mário Filho, p. 90, 155.

nas heterogêneas e turbulentas multidões que ocupavam as ruas e reivindicavam participação na cena pública. Os projetos políticos e culturais de modernização e construção da nacionalidade, por sua vez, amplificavam essa necessidade, reclamando alguma forma de incorporação das classes populares à vida econômica, institucional e cultural da nação. As décadas de 1920 e 1930, como se sabe, foram marcadas por uma série de acontecimentos que responderam a essas demandas: desde a Revolução de 1930 e a ascensão do populismo nacionalista, na política, até a legitimação do samba e do carnaval como símbolos da identidade nacional, passando pelo movimento modernista nas artes e pelo surgimento de um novo pensamento sobre a história social brasileira, no trabalho de autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Na literatura, esse esforço de mediação, imposto pelas demandas culturais da modernização e pela busca da nacionalidade, foi decisivo para a configuração do movimento modernista, marcando de diferentes maneiras o trabalho de grande parte dos seus principais personagens. À incorporação de linguagens e temáticas urbanas, regionais e populares nas obras de inúmeros escritores, somou-se a ação direta de muitos deles na pesquisa, divulgação, valorização e preservação de manifestações da cultura popular, ocupando algumas vezes postos relevantes na administração pública. O tema é explorado largamente na bibliografia sobre a literatura modernista, o que torna ociosa a exemplificação. Mas, como representante dessa geração de intelectuais-mediadores e seus dilemas, pode ser lembrado apenas o nome de Mário de Andrade, que escreveu uma obra na qual o elemento urbano ocupa lugar central e teve atuação destacada como pesquisador da cultura popular e regional brasileira. Em seus escritos sobre música, no entanto, o autor não escondia certa reserva diante da emergente cultura popular urbana, contrapondo-a a uma cultura popular mais autêntica, ainda não contaminada pelos interesses econômicos dos meios de comunicação. Falando sobre um concurso de sambas no Rio de Janeiro em 1939, por exemplo, ele condena aquela “sub-música, carne para alimento de rádios e discos, elemento de namoro e interesse comercial, com que fábricas, empresas e cantores se sustentam, atucanando a sensualidade fácil de um público em via de transe”.¹⁰

No campo esportivo, parte relevante da tarefa de mediação cultural foi empreendida pelos jornalistas, que acabaram se rendendo às possibilidades de ganho econômico representadas pela ampliação do número de leitores e

10. ANDRADE. *Música Popular (Estado de S. Paulo, 15/1/1939)*, p. 280-281.

abandonaram gradualmente a posição elitista que predominou nas primeiras décadas do século. Como sugere a nota do jornal *A Noite* sobre Friedenreich, esse movimento já era perceptível no final da década de 1910, particularmente nas revistas de variedades e periódicos especializados, em que a irreverência, o humor e as paixões clubísticas tinham melhor acolhida. Mas o passo decisivo para a constituição de uma linguagem popular na imprensa esportiva brasileira foi dado em meados da década seguinte, com o início da carreira do jornalista Mário Filho, cujo trabalho foi objeto de minha tese de doutorado, intitulada *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*, defendida em 2003 e publicada em 2006.

Atuando desde 1925, em jornais e revistas como *A Manhã*, *Crítica*, *O Globo*, *Manchete Esportiva*, *Mundo Esportivo* e *Jornal dos Sports* (sendo que dos dois últimos ele foi proprietário), o jornalista foi responsável por inúmeras iniciativas que alteraram profundamente o perfil da imprensa esportiva brasileira, com repercussões importantes na maneira como o futebol passou a ser visto no país. Nos periódicos em que trabalhou, como repórter, redator, colunista e diretor, a escrita empolada dos primeiros cronistas deu lugar a uma linguagem mais informal, com abertura para o humor e para visões passionais dos acontecimentos esportivos. A fragmentação da página, a publicação sistemática de entrevistas (ocupando muitas vezes o lugar principal da manchete) e os flagrantes colhidos nos bastidores dos jogos e dos clubes significaram uma diversificação das vozes e pontos de vista presentes no discurso jornalístico. As fotografias, charges e montagens fotográficas dedicavam aos atletas de origem mais humilde uma atenção até então inédita, fazendo de jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia personagens de grande ressonância popular. Além do trabalho estritamente jornalístico, Mário Filho foi também um ativo empreendedor, criando e promovendo diversas competições esportivas, participando de campanhas públicas como a que levou à profissionalização dos jogadores, em 1933, e até mesmo organizando o primeiro concurso oficial das escolas de samba do Rio de Janeiro, no Carnaval de 1932.

Mais tarde, entre as décadas de 1940 e 1960, Mario Filho escreveu uma série de livros sobre a história do futebol brasileiro, incluindo o pioneiro *Copa Rio Branco - 32*, publicado em 1943 com prefácio de José Lins do Rego, e o clássico *O negro no futebol brasileiro*, obra de 1947 que tem prefácio de Gilberto Freyre e é considerada a principal matriz da mitologia identitária que se vinculou ao esporte no país. Na segunda metade do século XX, com a ascensão do Brasil ao topo do futebol mundial, essa interpretação se consolidou, e o futebol teve a atenção de alguns escritores habituados às páginas da imprensa, como Paulo Mendes

Campos, Sérgio Porto e Nelson Rodrigues (irmão mais novo e discípulo assumido de Mário Filho).

A atração dos literatos e intelectuais pelo universo futebolístico, no entanto, nunca foi generalizada, limitando-se aos autores aficionados pelo esporte e a incursões bastante esporádicas de escritores como João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Raul Bopp, Vinicius de Moraes, etc. Como mostra Milton Pedrosa (1967), no artigo de apresentação de sua antologia *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*, inúmeros escritores falaram ocasionalmente sobre o futebol ou introduziram personagens e acontecimentos ligados a ele em seus contos e romances. Mas são raríssimos casos como os de Thomaz Mazzoni e Edilberto Coutinho, que possuem obras ficcionais de maior fôlego dedicadas ao tema (o romance *Flô, o melhor goleiro do Mundo*, do primeiro, e o livro de contos *Maracanã, Adeus*, do segundo). Em alguns momentos, como a ditadura militar iniciada em 1964, foi bem comum até mesmo uma postura de condenação explícita ao esporte, considerado por muitos intelectuais como um instrumento de alienação e manipulação política das massas. Panorama que só começou a se transformar a partir do final dos anos 1970, com um gradual aumento do interesse acadêmico pelo esporte, chegando aos dias de hoje, em que assistimos a um significativo movimento editorial em torno do futebol.

4

Em uma entrevista concedida ao *Jornal de Letras* em maio de 1966 (alguns meses antes de sua morte, que aconteceu em setembro daquele ano), Mario Filho recorda sua bem-sucedida trajetória de jornalista, empreendedor e escritor. Falando de modo aparentemente descompromissado, ele faz algumas observações que sintetizam com clareza seu papel de mediador cultural e as estratégias políticas e discursivas que marcaram sua atuação e seu trabalho. Como o trecho seguinte, em que do encontro entre os bastidores esportivos e os bastidores jornalísticos sai não apenas o material para os jornais do dia seguinte, mas também um tipo de escrita, um “estilo literário”:

O Café Nice, que me salvou literariamente, foi uma espécie de invenção minha, também. À época, cada clube da cidade elegia um café de suas proximidades, no qual se reuniam dirigentes, craques e jornalistas. Como eu trabalhava em *O Globo* e nossa redação ficava ali, pertinho do Nice,

passei a convocar toda a turma para esse café, com o que tinha bem às mãos notícias, furos e entrevistas. Assim, o Nice passou a ser freqüentado por um mundo de *boxeurs*, jogadores e sambistas. (...) Era o papo mais saboroso deste mundo. E os tipos que lá se reuniam eram uma beleza. (...) No bate-papo perdi o que era besta e empolado no meu estilo e ganhei esse ritmo de conversa com que hoje escrevo. Comecei a usar as palavras simples, as palavras do cotidiano. É que no bate-papo você se desarma, totalmente. Fala a língua real, do povo, sem pernosticismos.¹¹

Com simplicidade e agudeza, a declaração de Mário nos remete, novamente, àquelas questões de fronteira que apontei no início deste trabalho, como partes da problemática que propus discutir a partir da oposição entre “cidade esportiva” e “cidade das letras”. Temos, inicialmente, as fronteiras socioculturais que separavam o universo dos jornalistas, escritores e intelectuais do mundo subterrâneo de onde vieram os novos atletas e torcedores que invadiram a vida esportiva com o processo de popularização do futebol. A elas estavam claramente relacionadas outras demarcações, de natureza discursiva, que diziam respeito aos espaços em que as vozes dos diferentes sujeitos podiam se manifestar, bem com aos tipos de discurso que poderiam ocupar esses espaços. No esporte, assim como em outros campos da sociedade e da cultura, essas fronteiras se deslocaram, pressionadas pela emergência do popular como elemento importante de uma nova imagem da nação que se buscava construir.

Cultivando no Café Nice uma zona fronteira de contato amigável entre aqueles dois mundos, onde era possível colher material original para a cobertura jornalística do esporte, Mário Filho e sua equipe davam voz àqueles personagens e ajudavam a legitimar as novas formas de jogar e fruir o futebol que eles vinham criando, anteriormente estigmatizadas pela imprensa. Desse modo, eles contribuíam para uma reconfiguração das fronteiras internas da nação, trazendo à tona e valorizando elementos de um universo social e cultural que deveria ser incorporado, pelo menos simbolicamente, aos contornos da comunidade nacional.

Em contrapartida, o jornalista assimilava aquele universo ao seu trabalho e fazia dele um uso que era proveitoso tanto para o sucesso comercial das empresas em que atuava quanto para sua formação de escritor, para o desenvolvimento e a maturação de seu estilo de escrita. Um estilo que teria encontrado, nos livros

11. Citado por SILVA. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*, p. 146.

produzidos a partir da década de 1940, sobretudo em *O negro no futebol brasileiro*, sua realização máxima. Interessante mencionar que esse livro foi composto a partir dos textos que, desde 1942, Mário Filho publicou na coluna “Da primeira fila”, no jornal *O Globo*, considerada um marco na consolidação da linguagem da crônica esportiva na imprensa brasileira. Nessa coluna, o jornalista exercitou aquela linguagem simples e coloquial, aprendida nas idas ao Café Nice e no contato com os bastidores esportivos, para colocá-la novamente em prática na escrita do livro, inserindo-a num projeto mais amplo, ao qual poderíamos relacionar, sem muito risco, o próprio conceito de literatura.

Nos estudos sobre a história do futebol no Brasil, é corrente a visão de que *O negro no futebol brasileiro* é uma obra complexa e de difícil classificação, cujo propósito historiográfico se mescla a uma escrita “cronística” e “romanceada”, que insere os fatos numa moldura interpretativa baseada na tese da ascensão social dos jogadores negros e mulatos.¹² Tentando levar ao debate uma contribuição dos estudos literários, dediquei um capítulo de minha tese à análise desse livro, identificando nele as tensões próprias da escrita memorialística, caracterizada pelo conflito entre o desejo de recuperar a multiplicidade do passado e dar a ele um sentido e uma unidade. Permaneceria no livro de Mário Filho, portanto, o caráter aberto e dialógico que marcou seu trabalho jornalístico.

Ligando os bastidores impuros do futebol e da imprensa esportiva ao amplo reconhecimento obtido por seu livro, inclusive por seu aspecto “literário”, o trabalho de Mário Filho traz finalmente para o debate a questão dos territórios disciplinares a partir dos quais podem ser abordados os variados discursos presentes na cultura. Problema evidentemente relacionado a questões clássicas dos estudos literários, como a interdisciplinaridade (hoje tensionada até os limites do trans e do pós-disciplinar), as relações entre ficção e história e o conceito de literatura. Em minha trajetória de pesquisador, a própria escolha do objeto já refletia posicionamentos e afinidades teóricas que implicavam em certas respostas a essas questões. Como colocar em foco, a partir do campo dos estudos literários, os problemas levantados pelo texto de Mário Filho (assim como de outros escritores e jornalistas que ajudaram a “inventar” o imaginário esportivo brasileiro), senão adotando posturas flexíveis, com disposição para atravessar os limites disciplinares e trabalhar nas margens do cânone literário? Como deixar de fazê-lo, se os estudos literários podem oferecer

12. Cf. SOARES. História e invenção de tradições no campo do futebol.

metodologias de leitura e perspectivas teóricas de análise capazes de colocar o objeto sob um ângulo novo, fora do campo de percepção de outras disciplinas?

Penso, contudo, que essas escolhas não pressupõem uma negação das especificidades do literário frente ao cultural, nem tampouco uma adesão ao “vale-tudo” teórico de que foram acusados, há alguns anos, os Estudos Culturais. Não se pretende, aqui, tomar partido no debate sobre o apagamento das fronteiras disciplinares e a diluição dos valores e critérios da literatura, mas reconhecer que, como assinalou Eneida Maria de Souza, os discursos são “heterogêneos por natureza”, ele “se imbricam, se diferenciam e se reconhecem desprovidos de qualquer traço hierárquico em relação aos demais”. Assim, o ficcional e o literário estão presentes “no interior dos mais variados discursos”, exercendo uma “função articuladora, imagística e conceitual”, que se alia à “força inventiva de toda teoria” e nos alerta “para a íntima relação entre o artístico e o cultural, no lugar da exclusão de um pelo outro”.¹³

Em outras palavras, trata-se de retomar o problema teórico das interfaces e interações entre a literatura e a cultura, considerando os deslocamentos a que esses campos vêm sendo submetidos na história; de reconhecer o “não-lugar” ocupado hoje pela literatura, em suas relações com a cultura, e a pertinência de uma abordagem teórica mais livre, menos restrita a um território disciplinar fixo, para lidar com esse problema. Trata-se, enfim, de aceitar os riscos e seguir a sugestão de Michel de Certeau, em *A invenção do cotidiano*: transformar a “fronteira em ponto de passagem”; ver “a porta para fechar” como “justamente aquilo que se abre”; perturbar a lógica da fronteira com a “ambiguidade da ponte”, fazendo dela um “lugar terceiro”, um “jogo de interações e de entrevistas (...) de intercâmbios e encontros”.¹⁴

13. SOUZA. Os livros de cabeceira da crítica, p. 23-24.

14. CERTEAU. *A invenção do cotidiano* – artes de fazer, p. 213-215.

Sports city / literate city

Abstract: Taking the notion of boundary as a metaphor, this paper traces an overview of the relations between the soccer world and the Brazilian literate society of the first half of the twentieth century. In this perspective, Mário Filho's journalistic work, as well as his books, get special attention as a starting point for the debate on sociocultural, discursive and disciplinary boundaries involved in the study of interactions and interfaces between literature and culture.

Keywords: Soccer, literature, modernization.

Referências

- ANDRADE, Mário de. Música Popular (*Estado de S. Paulo*, 15/1/1939). In: _____. *Musica, doce música*. São Paulo: Ed. Martins, 1963. p. 280-281.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaide La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 247-264.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- PEDROSA, Milton (Org.). *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Graciliano. Traços a esmo. In: PEDROSA, Milton (Org.). *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p. 165-168.
- RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *O negro no futebol brasileiro*. 3. ed. Petrópolis: Fumo, 1994.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- SOARES, Antonio Jorge. História e invenção de tradições no campo do futebol. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 119-146, 1999.
- SOUZA, Eneida Maria de. Os livros de cabeceira da crítica. In: _____. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 15-25.